



O ESQUETE, UMA PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Daiane Peluso

daiane_peluso@hotmail.com¹

Marli Terezinha Szumilo Schlosser

marlisch20@hotmail.com²

Eliane Liecheski Artigas

elanelie@yahoo.com.br³

Marilene Francieli Wilhelm

maryejaime@live.com⁴

Resumo

O trabalho compartilha uma experiência didática pedagógica diferenciada, o ensinar a Geografia com Esquetes e no contexto da sua realização teve-se momentaneamente ao aporte teórico do Esquete e os estudos relacionados à sua matriz originária que envolve o teatro. Realizada no ano de 2018, no Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta do município de Marechal Cândido do Rondon, região extremo Oeste do Paraná, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, na disciplina de Geografia em conjunto com o estudo dos conceitos de urbanização e transformação do espaço das cidades. O Esquete surge da arte do fazer Teatro, mas difere-se da sua matriz formadora pela especificidade apresentativa, em razão da sua duração diferenciada. Destaca-se nesta produção a adoção do Esquete pela teoria teatral, do diretor e ator Bertold Brecht, que adotava em seu teatro o caráter épico, dialético e crítico, salienta nas suas produções a atividade interpretativa dos espectadores, pois favorecia e despertava o seu sentido cognitivo, usa-se este termo como referência para delinear as peças que trazem consigo o contexto histórico do tema. Deste modo, trabalhar em sala com os

¹Licenciada em Geografia Licenciatura Plena. Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão – PR, sob orientação da professora Dr^a Marli Terezinha Szumilo Schlosser em regime de bolsista de pós-graduação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Integrante do Laboratório de Geografia (LEG) de Marechal Cândido do Rondon – PR, e do grupo Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas (RETLEE) de Francisco Beltrão – PR.

²Professora da Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido do Rondon-PR, e também docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia nível Mestrado e Doutorado da UNIOESTE, *campus* de Francisco Beltrão-PR. Integrante e coordenadora do Laboratório de Geografia (LEG) de Marechal Cândido do Rondon-PR.

³Mestra em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão – PR. sob orientação da professora Dr^a Marli Terezinha Szumilo Schlosser. Professora da Educação Básica do Estado do Paraná. Integrante do Laboratório de Geografia (LEG) de Marechal Cândido do Rondon – PR.

⁴ Mestra em Geografia. Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão – PR nível Doutorado, sob orientação da professora Dr^a Marli Terezinha Szumilo Schlosser. Integrante do Laboratório de Geografia (LEG) de Marechal Cândido do Rondon – PR.

Esquetes são possibilidades que vem surgindo como alternativas “inovadoras” e “diferenciadas” ao utilizar-se desta prática pelo perfil metodológico essencialista delineado pelo desenvolvimento do aluno, ao promover a liberdade e a criatividade de expressar-se, obtém-se resultados para além da aparência e da interpretação, vê-se no estudo a essência e as relações entre o conteúdo e a realidade vivenciada cotidianamente.

Palavras-chave: Esquete; Práticas de ensino; Geografia.

Introdução

Ao analisar o contexto educacional, nota-se o uso de diversos recursos/linguagens, que busca por outros caminhos nas práticas possibilitar aos estudantes o aprendizado de forma integrada com os diversos acontecimentos que perpassam as realidades vivenciadas. Ao dialogar a respeito do Esquete e Ensino de Geografia, incontáveis são as dúvidas e os questionamentos, ressalta-se a estranheza, e receio do público perante o desconhecido.

A este contexto busca-se explicar a ligação do Teatro com o Esquete seguindo pela teoria teatral de Bertold Brecht, que buscou em suas produções romper com o espetáculo do teatro, proporcionando aos espectadores não o encantamento pela beleza, mas sim a reflexão perante o tema apresentado, como um instrumento político e questionador do tema apresentado na peça.

O Esquete caracteriza-se como uma peça de curta duração, categorizada em duas modalidades a humorística que tem como objetivo o riso e entretenimento, sem muita reflexão para entendimento da mensagem a transmitir-se, concentrando suas atividades em ambientes ditos “tecnológicos” como os *stadups*, televisões, rádios etc. Enquanto que a modalidade não humorística concentra-se na apresentação de temas, cuja compreensão decorre-se da atividade reflexiva, e comumente utilizada em ambientes empresarias (como preventivo e de divulgação), nas igrejas e nas escolas como problematização dos temas apresentados, onde a atividade reflexiva permeia a realização.

Nesse contexto, o referido trabalho permeia a linha teórica de Bertold Brecht no perfil metodológico essencialista, desenvolvido no Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta, no município de Marechal Cândido do Rondon, extremo Oeste do Paraná, com os alunos do 2º ano do Ensino Médio. A prática foi desenvolvida, na disciplina de Geografia, com professora



regente Eliane Liecheski Artigas, no conteúdo relacionado às transformações no meio, com enfoque para as desigualdades sociais, representada no Esquete com a música um desabafo de um trabalhador urbano.

A ARTE DO TEATRO E ENSINO DE GEOGRAFIA

As formas de entender o Teatro são várias, entre elas arte, reflexão, atitude ou política. Entende-se nesta experiência como política, por compreender que todas as políticas, conforme Boal (1991) são as ações humanas que permeiam âmbito material e imaterial, envolvendo distintas técnicas e concepções no processo construtivo, mas que em seu cerne prioriza a reflexão, o entendimento das relações estabelecidas e a análise para além do apresentável.

O objetivo da pesquisa não é delimitar forma/conceito correto ou não sobre o Teatro, mas sim demonstrar de forma sucinta os acontecimentos que influenciam e delimitam seu caminho, e realiza sua caracterização e diferenciação como elenca Peixoto (1986, p. 11): “Mas, mesmo sendo transformado em função do processo histórico, o teatro conserva, através dos tempos, uma série de elementos que o distinguem enquanto expressão artística. [...]”. Incluído a este pressuposto entende-se o Teatro como uma ação, uma política, uma das componentes da história do homem, que segundo Peixoto (1986), sua origem refere-se ao verbo grego *theatrai* utilizado na delimitação de locais para a realização do Teatro em tempos passados.

Para entender o Teatro enquanto arte elenca-se Neves & Santiago (2009 p. 14):

[...] O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos (os aspectos cognitivos e subjetivos). Sua ação consiste na ordenação desses conteúdos individuais e grupais e seu ensino ou exercício se faz através da encenação, da contemplação e da vivência dos jogos teatrais. [...]

Como a música envolve uma pessoa surda? Ou uma dança alcança um cego? Variadas são as dificuldades encontradas para os diversos públicos, mas o Teatro, segundo Neves e Santiago (2009) de uma forma magistral, engloba em seu elenco, a música, a dança, e o texto possibilita a chamada de atenção de um público ascendente e diversificado.

Com o decorrer do tempo, abrem-se diversas oportunidades de trabalhar-se com o Teatro em diferentes locais e com variados temas. Pasmem ou não, mas ele também pode ser usado nas escolas, que de acordo com Simões (1995, p.01):

A utilização da dramatização de textos paradidáticos com os alunos pode ser uma estratégia dinâmica que leve os envolvidos a um aprofundamento do estudo sobre o tema, ao mesmo tempo que desperta na assistência o interesse para com as questões abordadas, incentivando e estimulando o estudo e a reflexão sobre os conteúdos [...].

O potencial do recurso/linguagem, não restringe ao acesso ao conhecimento em espaços fechados das escolas, mas possibilita a abertura de novas possibilidades que envolvam também a comunidade e outros ambientes em um processo de formação e reafirmação da sua identidade.

Há forte relação do Teatro com as atividades humanas, como Boal (1991) de uma forma ou outra a representação tenta trazer à tona exemplos acontecidos que relatam as experiências sem que elas sejam vivenciadas pelo público das peças, proporcionando a compreensão sobre os fatos sem os viver na própria pele.

Logo, consente com Granero (2011, p.11), afirma:

As expressões teatrais, enquanto manifestação humana, de arte e conhecimento, são comportamentos naturais, muitos deles instintivos, outros determinados por informações recebidas ao longo da vida, quer sejam transmitidas pela família, pela escola ou pela mídia. Os momentos teatrais, portanto podem ser de muitos tipos, desde as mais simples corriqueiras expressões de desejo humano até uma peça teatral organizada e apresentada em um palco por atores.

Ao longo da história, o Teatro foi o responsável pelo registro da trajetória humana com seus questionamentos e reivindicações. Concorde-se com Granero (2011 p.15) que: “Em poucas palavras: um teatro que, revelando nossa humanidade, contribua ainda mais para a busca de uma sociedade melhor. Em partes, isso passa pelo resgate da história de cada um de nós [...]”.

O Teatro como um instrumento de relato histórico com ilustração dos sistemas econômicos e sociais vigentes em tempos passados, é um dos pontos de caracterização do Teatro que buscava Bertold Brecht em suas produções, concorda-se com Peixoto (1974, p.13): “[...] a arte, concebida como um resultado de processo de criação coletiva, como uma arma de conscientização e politização, destinada a ser, sobretudo divertimento, mas de uma qualidade específica [...]”.

Ao apresentar que o Teatro é construído ao longo da história da humanidade, utilizando-se de diversos períodos e com diferentes configurações, tem o mesmo objetivo, que é justamente



a possibilidade de questionar, inúmeras vezes a realidade por quem o faz por quem escreve e por quem atua no Teatro. Portanto, fazer Teatro não é somente representar, vai além desse simples ato/ação, é mais abrangente, representa a possibilidade de literalmente colocar-se no lugar do outro e vivenciar o sujeito como se fosse o mesmo. Isto se deve, principalmente, pelo fato de buscar no nosso interior, na nossa história e experiências as essências necessárias para a sua concretização que perpassa, delimita e concretiza-se em nas etapas do fazer Teatro.

Assim, engana-se quem afirma que Teatro é neutro, é uma arte que vai além do âmbito material. Ela constitui-se com seus autores, linhas, formas, tempo histórico, e local de produção, e claro, contempla as marcas da vida de quem a escreve, estes e outros elementos apresentam-se homogeneizados/invisíveis, no conjunto da peça.

No decorrer do tempo, identifica-se variadas formas de Teatro e Teatralização, para Pavis (1999, p. 374): “Teatralizar um acontecimento ou um texto é interpretar cenicamente usando cenas e atores para construir a situação. O elemento visual da cena e a colocação da situação de discurso são as marcas da teatralização.” Desta forma, o Teatro ou a Teatralização, não restringe-se a um palco, um grupo reconhecido, a ensaios, ou a entradas regulamentadas e por diversas vezes taxada, em uma ambiente apto, com iluminação, acústica e acomodação confortáveis para a contemplação do espetáculo, ele é mais abrangente, não concentra-se apenas nesta atividade. Diversas são as formas de fazer Teatro, que necessariamente não possuem esta denominação, entretanto, várias dessas formas assemelham-se com a sua ‘matriz’ como, por exemplo, o Esquete.

O Esquete, em concordância com Schlosser (2014) é uma palavra de origem inglesa (*sketch*), e seu significado remete-se a realização de peças com curta duração e abordagem de temas que relacionam-se com o que discute-se.

Esquete, é uma arte, concorda-se com Travaglia (2017, p.119):

[...] apresentam-se elementos a serem aprendidos ou que possam servir de mote para discussão de problemas ou aspectos da vida, como, por exemplo, um esquete que apresente pessoas tendo atitudes ecológicas incorretas e corretas e que depois serve de ponto de partida para discutir aspectos importantes sobre ecologia, preservação da natureza ou consequências sobre a humanidade de cada atitude que implique na deterioração do meio ambiente

Os Esquetes não humorísticos apresentam-se geralmente em ambientes como empresas, escolas e igrejas com objetivos específicos, seja para divulgar um produto na modalidade comercial, ou ilustrar algum problema que poderá vir ocorrer, sendo esta como a modalidade preventiva, além de apresentar comportamentos e reações que caracterizam nos diálogos a compreensão dos conteúdos.

Enquanto que os Esquetes humorísticos cujo objetivo central é de proporcionar o riso, comumente adotada-se em circos, teatros humorísticos, programas televisivos e rádio, como elenca Pavis (1999, p. 143): “[...] o esquete é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica. [...] Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia ou texto de pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (cinema e televisão), da vida contemporânea”.

Existem destacáveis diferenças entre as modalidades educativa e humorística, que assegura a sua completa distinção, mas constantemente é vista como homogênea de único objetivo, mas não são, pois enquanto uma preocupa-se com a sátira, o riso e a falta de reflexão a outra é exatamente o inverso, pois o riso não é seu objetivo central, enquanto que em seus diálogos e apresentações almeja a reflexão e o entendimento do assunto que apresenta.

O Esquete caracteriza-se como uma peça de curta duração, pode utilizar de falas ou da sua ausência para concretização, com reduzido grupo de pessoas que transmitiram pelas suas expressões e gestos o assunto definido, tendo ou não um cenário apropriado, concorda-se com Granero (2011), o Esquete pode realizar-se, sendo que os aprendizados são de difícil mensuração, devido aos amplos aspectos englobados na realização, mas destaca-se busca por conceitos que sincronizam com a realidade que não pauta-se na apresentação homogênea, mas sim no complexo emaranhado de relações heterogêneas da sociedade.

Diversas são as formas de encenar através do Esquete, como exemplo, o monólogo (fala ou discurso pronunciada por uma pessoa) ou a pantomima (cena baseada em gestos). Nessa linguagem artística pode utilizar-se da dramatização, do cômico, do humor, das emoções, porém o elemento principal desse tipo de dramatização é o enredo, este tem a capacidade de trazer uma mensagem, de provocar dúvidas, incertezas, perplexidades, despertar questionamentos.



O teatro é considerado uma linguagem ancestral, como destaca Carvalho e Ferreira (2004), esteve presente nos momentos da humanidade, destaca-se como uma forma de comunicação universal. Em virtude dessas características, o Teatro também pode ser usado em sala de aula como uma metodologia no processo de ensino e aprendizagem. Assim, salienta-se que um ensino de Geografia que corresponda à relação ensino e aprendizagem é necessário desenvolver a ação docente apoiada em práticas consistentes, de modo a estimular ao aluno, como elenca Klimek (2007, p.119):

[...] a compreensão da realidade e instrumentalizá-la para que faça leitura crítica, identifique problemas e estude caminhos para solucioná-los; mas para isso é necessário que os alunos e o professor sejam parceiros na busca de conhecimentos e saibam utilizá-los de forma a entender o espaço e analisá-lo geograficamente para estabelecer relações, associações entre o lugar e o mundo.

O Esquete desenvolvido na escola seguiu um pelo perfil metodológico Essencialista, como elenca Reverbel (1995), concentra-se no Teatro como um fim em si mesmo, que volta-se para o desenvolvimento pessoal do aluno, que compõem os diversos elementos da disciplina como por exemplo a criatividade, o jogo da improvisação e da criatividade, jogo dramático entre outros.

Portanto, ao utilizar-se de Esquetes como práticas educativas, necessita-se do esclarecimento sobre a linha teórica, o perfil metodológico, e claro o objetivo de realizar-se para não tornar-se apenas um momento de passar o tempo, sem reflexão ou entendimento da proposta apresentada, desta forma na sequência explanaremos sobre a realização da prática no colégio, trazendo consigo os resultados atingidos com o mesmo.

O ESQUETE NA ESCOLA: DESABAFO DE UM TRABALHADOR URBANO

O desenvolvimento do Esquete, não permeia apenas a parte prática, mas aspectos e ambientes. É possível entender e encantar-se com a importância e o significado do Esquete. As ciências e a arte juntas constroem uma proposta pedagógica para o ensino e a aprendizagem, capaz de diversificar as práticas pedagógicas que contribui e auxilia o professor na função de agente de transformação social.

É neste sentido que segue-se com o Esquete Educacional, não encontra-se apenas no viés de “ser diferente”, ancora-se em diversas bases e teorias de compreensão, comungando

intimamente com o Teatro (sua matriz), apresentando-se importante para a aprendizagem e o ensino, além de integrar a família, escola e a comunidade.

Para desenvolver um Esquete, segundo Schlosser (2014), necessita-se de elementos como a expressão facial e corporal, interpretação e criatividade, dicção e teoria, sabedoria, e claro, o trabalho em grupo. O professor poderá encontrar esses elementos nas suas salas de aulas, basta utilizar-se de um pouco de paciência e de um espírito inovador que o mesmo poderá construir uma proposta de ensino que amplie seus horizontes, bem como de seus educandos. Para tanto, como Granero (2011, p.19): “O professor buscará inspiração, não importa se extraída da história, da mitologia ou do cotidiano”, mas desta forma poderá estimular e despertar em seus alunos o interesse pela Geografia.

O Esquete apresenta contribuição fundamental no Ensino da Geografia, e o desenvolvimento de atividades didáticas diferenciadas, tornam as aulas instigantes, desafiadoras e prazerosas, ao toque que facilita o ensino e a aprendizagem, sendo possível a sua utilização em diferentes níveis desde a Educação Básica e Ensino Superior.

A proposição metodológica da realização do Esquete para a corrente de ensino do Teatro essencialista, como coloca Reverbel (1995), é um Teatro com fim em si mesmo, volta-se para o desenvolvimento pessoal do aluno, não depende do currículo ou da disciplina para realizar-se, mas salienta que o desenvolver do Esquete na disciplina de Geografia, engloba a concepção contextualista, pois relata a utilização do Teatro como auxílio para a aprendizagem das disciplinas.

A prática com os alunos desenvolveu-se no 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta- Ensino Fundamental, Médio e Profissional. A professora de Geografia Eliane Liecheski Artigas, regente da disciplina de Geografia trabalhou com a turma os conteúdos relacionados à urbanização (conceitos, formação e características das cidades brasileiras, os problemas sociais e ambientais urbanos).

Paralelamente a isso, destaca-se em Callai (2010, p.16) que: “a finalidade da educação geográfica é contribuir na construção de um pensamento geográfico, quer dizer, desenvolver modos de pensar e envolvam a dimensão espacial”. As transformações do espaço urbano é um dos conteúdos estruturantes da Diretriz Curricular de Geografia do estado do Paraná, (DCE,



2008), identificado nas dimensões de compreensão econômica, cultural e demográfica do espaço geográfico, que traz consigo os conteúdos básicos a formação, o crescimento das cidades, e a dinâmica dos espaços, etc.

Neste caso, o enredo do esquete/texto faz referência ao processo de urbanização das cidades, caracterizada pela incorporação do espaço urbano, tendo como principal agente os proprietários fundiários e as corporações imobiliárias. Essa apropriação desigual do capital reflete nas distinções sociais e na segregação do espaço urbano. Essas diferenças são identificadas na figura do personagem operário (pedreiro), de que, nem tudo o que o trabalhador constrói ele se apropria. No entanto, essa realidade da segregação espacial se faz presente nas pequenas, médias e grandes cidades brasileiras, fazendo parte da realidade dos alunos que participaram desta atividade.

Diante desta realidade, há necessidade de o professor buscar o conhecimento e isso exige que ele tenha acesso a variados métodos e tecnologias, atualizando-se constantemente. Atividades que compreenda-se o educar como descoberta e utilização de formas e meios que proporcionem o desenvolvimento do ser humano, em direção a uma vida autônoma na sociedade podem ser desenvolvidas para a motivação dos alunos. Para que isso aconteça, é necessário que docentes e discentes sejam parceiros na busca do conhecimento, obter prazer em ensinar e aprender. Conforme Schwartz (2004, p.127):

O prazer em ensinar e aprender, em praticar, em relacionar é limitado e dificultado, acabando por formar sujeitos não estimulados a criar, ousar, fazer suas próprias escolhas, questionar, realizar-se enquanto seres humanos, que possuem desejos e vontades, experimentando a liberdade, espontaneidade, gratuidade e alegria.

Em relação ao conteúdo, a professora desenvolveu uma breve explicação sobre o que era o Esquete, como realizava-se e o objetivo da atividade e posteriormente foi destinado aos participantes, trechos impressos com a letra da música e a separação da turma em grupos correspondentes para a confecção do Esquete e os ensaios. A música entregue é interpretada por Zé Ramalho, mas fora gravada por Lúcio Barbosa e Zé Geraldo.

A música é composta essencialmente de três cenários, nos quais retrata-se o fundo a segregação sócio espacial e econômica, pelo fato do primeiro cenário descrever um trabalhador de classe social inferior, que admira-se com a amplitude do prédio que ajudará a erguer e hoje

não tem condições de comprar moradia/apartamento, ao momento que chega um senhor com ar de aspereza, questiona-o o trabalhador sobre sua admiração ou vontade de cometer delito (assalto).

O segundo cenário compreende-se ao seu trabalho em uma escola a que ele construiu e a filha gostaria de matricular-se e pelo fato de ser pobre não permitiu que sua filha ali estudasse (criança de pé no chão). Onde na música descreve a frustração sentida pelo trabalhador, pelo fato da filha não ter “culpa” de seu pai não ter condições de pagar as mensalidades para ela ter acesso ao ensino, e descreve o arrependimento de ter saído do Sertão em busca de uma vida melhor, que não encontrará, descrevendo que ao menos no sertão o pouco deixado pela seca, ainda tinha-se o direito de comer, algo que ele não encontrou no local que fora buscar uma “vida melhor”.

No terceiro momento da música, destaca-se a Igreja, a qual também trabalhou, e nesta mesmo com todo o sofrimento, ele sente-se acolhido, e o padre salienta que nesta sociedade opressora e injusta nem todos tem as mesmas condições de acesso, mas que na casa de Deus, as portas sempre estariam abertas estendendo o convite para participar das atividades desenvolvidas na comunidade.

O Teatro/Esquete desenvolveu-se no espaço da instituição de ensino, onde os alunos elaboram um painel em papel marrom com desenhos representando a grande cidade, e um dos participantes ao vestir-se de acordo com o trabalhador realizou a encenação tendo ao fundo a grande cidade, destacada nos distintos momentos da música. A representação ocorreu na modalidade de pantomima e de mímica que Zanoni (2008), distingue-se, pelo fato da a pantomima não apenas ilustra os gestos, ela mergulha nas emoções para suas representações, e a mímica diz respeito ao sentido, possibilita ao ator a utilização do corpo como um todo, interligando o pensamento, a voz, o gestual e as expressões para transmitir a encenação no meio que deseja-se.

Com a atividade, buscou-se demonstrar a importância do Esquete para o entendimento das transformações do espaço urbano possibilitando a abrangência dos participantes, realizando-se na semana intitulada. “Mostra de Trabalhos do Colégio no ano de 2018”, contou com o prestígio da comunidade escolar (pais e responsáveis), e a comunidade em geral,



apresentação elaborada foi pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio da instituição, como dito por Cavalcanti (2002, p.16): “Os temas da cidade e do urbano são conteúdos e proporcionam aos alunos possibilidades de confronto entre as diferentes imagens de cidade”.

Portanto, constrói-se um ambiente de aprendizagem, que permeia os limites físicos da sala de aula e permite aos alunos a compreensão dos conteúdos com base na análise e observação da realidade, que concretiza-se com o entendimento desde o princípio do sujeito como produtor do conhecimento, e o convencimento definitivo que o ensinar não compactua com *transferir conhecimentos*, como elenca Freire (1996), mas sim com o desenvolver as possibilidades que viabilizem a sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer docente carece da busca de metodologias diversificadas contribuem no encantar o aluno e desperta-lo para o gostar de estudar e principalmente pelo interesse do conhecimento geográfico. Neste sentido, pensar e propor o conhecimento por meio do esquete com a finalidade de demonstrar como os conceitos, fenômenos e temas geográficos são ensinados no devir das práticas pedagógicas que podem ser realizadas nas instituições escolares.

Em vista disto, o ensino com o Esquete, traz resultados para além do momento, do cenário e da representação, pelo fato de oportunizar a reflexão, como elencada por Brecht em suas peças, traz a realidade como plano de fundo, e leva ao pensar e ao refletir, a quem assiste, e aos que realizam trazem distintos resultados como o trabalho em grupo, o fortalecimento da amizade e o compromisso quanto aos papéis, e em cena, auxiliou no controle emocional, pela exposição em público.

Proporcionar atividades diferenciadas como os esquetes, possibilita a aprendizagem de forma interativa, cooperativa, sociável e enriquecedora, pois auxilia aos alunos a produzir o conhecimento de forma contextualizada e criativa. Passini (2007) destaca que o ensino de Geografia deve possibilitar aos alunos a compreensão da realidade e instrumentalizá-la para que façam leitura crítica, reconheçam as dificuldades e desenvolvam ações para solucioná-las. Isto é fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações do mundo. Ainda, em reconhecimento do valimento da compreensão do espaço extra escolar.

Compreende-se dessa forma, a importância dessas atividades, visto que são necessários para o desenvolvimento intelectual e social do discente, desenvolvendo a criticidade, criatividade e diferentes habilidades. Ao utilizar atividades lúdicas, o docente propicia ao aluno oportunidade de integrar-se por meio da Geografia de maneira dinâmica, expondo ideias e explorando seus conhecimentos.

Mediante trabalho realizado, verificou-se que a atividade do esquete despertou a atenção dos visitantes da Mostra, neste sentido o *stande* dos alunos do 2º ano foi bastante visitado pelo público em geral com intuito de assistir o que os alunos procuraram representar. Assim sem palavras por meio dos gestos o conhecimento foi produzido e contextualizado, fazendo o público refletir sobre o e espaço urbano e suas transformações.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Editora Civilização Moderna. Rio de Janeiro, 1991 (6ª edição)
- CARLSON, Marvin. **Teorias do Teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo. Fundação Editora da UNESP. 1997.
- CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: Os desafios de uma educação geográfica. In: CALLAI, H. C. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Ed. Vieira, 2010.
- CARVALHO, Rodrigo Saballia. FERREIRA, Taís. Múltiplas Linguagens: as crianças do teatro a Internet. Dos artefatos, linguagens modos de ser crianças na contemporaneidade. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/4068538/Múltiplas_linguagens_as_crianças_do_teatro_à_Internet_2004>. Acesso: 11 abril de 2019.
- CAVALCANTI, L.S. a cidadania, o direito a cidade e a geografia escolar elementos para o estudo de espaço urbano, In: CAVALCANTI, L.S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2002, p. 47– 70.
- FIEST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo do Teatro**. Editora: Moderna. São Paulo, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 30ª edição São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KLIMEK, Rafael Luíz Cecato. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko (Org.) et al. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.



NEVES, Libéria Rodrigues & SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar**. São Paulo: Campinas. Editora Papirus. 2009.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. Campinas. São Paulo. Editora: Papirus, 1989.

GRANERO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação (DCE) Básica Geografia**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_geo.pdf>. Acesso: 03 abril de 2019.

PASSINI, E.Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução para a língua português sob direção de J. Guinsberg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo. Editora: Perspectiva, 1999.

PEIXOTO, Fernando. **O que é Teatro?** São Paulo. Editora Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

_____. Brecht: vida e obra. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1974. (2ª edição – revisada e aumentada).

REVERBEL, Olga. **Teatro: atividades na escola-currículos**. Porto Alegre. Editora: Kuarup, 1995.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. Desafios e possibilidades da representação como recurso didático-pedagógico: relato de uma experiência-Colônia Upá/PR. **Revista Formação**. São Paulo. n.2, volume 2, 2014, páginas: 119-135. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/3073/2851>>. Acesso em: 14 out. 2018.

SCHWARTZ, Gisele Maria. (org). **Dinâmica Lúdica: Novos olhares**. (org.) Barueri: Manole, 2004.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Dramatização para o Ensino de Geografia**. Rio de Janeiro. Editora Jobran. 1995.

ZANONI, Melize. **Diário FO no Brasil: a relação gestualidade-palavra nas cenas de A descoberta das Américas a de Julio Adrião e Il Primo Miracolo de Roberto Birindelli**. 2008. 193f. Dissertação (Mestrado em Teatro) - Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Santa Catarina. 2008.

Zé Geraldo. Música: O Cidadão. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/zegerald68686/>>. Acesso em: 24/05/2018.